

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

O Macaqueiro

Ano XIII nº 58 março e abril de 2013

Tefé – Amazonas – Brasil

Multiplicando práticas sustentáveis



© Francisco Rocha



© Eunice Venturi

À esquerda, equipe do curso de turismo e, à direita, participantes do curso de manejo de pesca, na Reserva Mamirauá.

Com o objetivo de disseminar práticas sustentáveis de manejo de recursos naturais, o Instituto Mamirauá realizou, em abril, dois cursos para formar multiplicadores em manejo de pesca de pirarucu e de turismo de base comunitária.

No início de abril, de 09 a 13, foi promovido o Curso de Multiplicadores de Turismo de Base Comunitária, com a participação de integrantes do Parque Nacional Natural Amacayacu, do Grupo Integrado de Pesquisas do Espinhaço e do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais. O curso é promovido anualmente e tem por objetivo formar multiplicadores para o manejo do recurso cênico de ambientes naturais, por meio da atividade de turismo de base comunitária com foco na conservação.

Os cursistas visitaram a Pousada Flutuante Uacari, localizada na Reserva Mamirauá. Para a participante Júnia Borges, tudo que foi vivenciado foi produtivo, pois a Reserva Mamirauá tem uma realidade diferente das outras iniciativas. “Na minha região de atuação, nós poderíamos utilizar as técnicas da equipe multidisciplinar (pesquisadores, turismólogos, biólogos, sociólogos, comunitários e demais profissionais), pois o

Instituto Mamirauá conta com uma equipe onde todos trabalham com um único objetivo”, afirmou Júnia.

De 15 a 25 de abril, o Instituto Mamirauá promoveu o Curso de Multiplicadores em Gestão Compartilhada de Recursos Pesqueiros, com foco no manejo de pirarucu. O objetivo, desta quarta edição, foi formar multiplicadores na região amazônica para o manejo participativo da espécie. Foram abordados diversos temas como: contagem de pirarucu, organização, zoneamento, proteção, comercialização e avaliação do manejo.

Os participantes se deslocaram para a Reserva Mamirauá, entre os dias 16 a 19 de abril, para acompanharem uma simulação da contagem de pirarucu em um lago de pesca próximo à Comunidade São Raimundo Jarauá. Maria Bárbara Silva Corandin, consultora do Ministério da Pesca e Aquicultura, avaliou positivamente o manejo: “A recuperação dos estoques pesqueiros e a governança dos pescadores são alguns dos resultados que nos levam a crer que esse manejo deve ser replicado”, afirmou. Em 2013, ainda serão realizados os cursos de multiplicadores de manejo de abelhas sem ferrão e manejo florestal comunitário.



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



Especial sobre turismo sustentável – O Instituto Mamirauá lançou, em março, a sexta edição da Revista Uakari, uma publicação científica que reúne artigos com resultados de pesquisas conduzidas na Amazônia. Nesta edição, todos os artigos são relacionados às pesquisas sobre turismo de base comunitária. O fascículo reúne sete artigos científicos relacionados à iniciativa de turismo de base comunitária, que tem como objetivo disseminar algumas lições aprendidas nestes 14 anos de atividades, promovidas pelo Instituto Mamirauá. Os artigos podem ser acessados separadamente no site www.uakari.org.br. Para download completo da revista, acesse: www.mamiraua.org.br/uakari. (Texto: Eunice Venturi).

Dia Mundial da Água – Com o objetivo de sensibilizar crianças e adolescentes sobre a importância dos recursos hídricos para a humanidade, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Tefé (AM) organizou a “Semana de Cooperação pela Água”. O evento contou com o apoio do Instituto Mamirauá, por meio do projeto Conservação de Vertebrados Aquáticos Amazônicos (Aquavert). Entre os dias 18 e 22 de março foram desenvolvidas uma série de atividades lúdicas para escolas públicas do município. No total, 351 crianças com idade entre 8 e 16 anos participaram das atividades educativas. (Texto: Thiago Almeida).



© Thiago Almeida

Coleta de piracatingas vai subsidiar informações sobre a biologia reprodutiva dessa espécie

O Grupo de Pesquisa em Ecologia e Biologia de Peixes do Instituto Mamirauá realizou, no final de março, mais uma coleta de piracatingas, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Segundo a bióloga e pesquisadora Danielle Pedrociane, o objetivo da pesquisa é estudar o ciclo reprodutivo dessa espécie já que não há muitas informações a respeito desse peixe, que tem um interesse econômico pesqueiro, em função da exploração para os mercados da Colômbia e o nordeste do Brasil.

Uma das hipóteses seria que na região da Reserva Mamirauá não é possível encontrar piracatingas “ovadas”, ou seja, um peixe adulto que está em estágio maduro de reprodução, conforme explicou Danielle: “Agora, nós vamos analisar as piracatingas coletadas para saber se elas podem estar desovando aqui, ou não, ou se elas estão indo desovar em outro lugar. Mas somente após essas coletas, por meio de análises macroscópica e histológica das gônadas é que poderemos responder se há áreas de reprodução aqui ou não”.

A pesquisa terá duração de 12 meses. Mensalmente, 100 animais são capturados e, destes, 70 são medidos e devolvidos ao rio. “Nós medimos dois tipos de comprimento, o furcal (pois o peixe tem nadadeira caudal do tipo furcada) e o padrão (que é a distância tomada do focinho até a extremidade da coluna vertebral), este último é um tamanho de referência para todas as espécies de peixes”, disse a pesquisadora.

Uma amostra de 30 peixes é levada para o laboratório do Instituto Mamirauá, onde o grupo de pesquisa realiza a biometria dos indivíduos. “O resultado desta pesquisa vai mostrar também o status atual da população desta espécie na região. Nós vamos poder analisar, se há longo prazo o estoque dessa população estará comprometido, ou não, pela exploração pesqueira”, concluiu Danielle. (Texto: Eunice Venturi).



© Rafael Forte

No laboratório do Instituto Mamirauá, o peso e o tamanho dos peixes são algumas das informações coletadas.

A palavra é...



© Bruno Barreto

ASSEMBLEIA. Assembleia ou “Assembleias Gerais”, no contexto do médio Solimões, são reuniões anuais, realizadas pelos moradores e usuários de uma determinada região. É um espaço político onde esses moradores podem realizar críticas, propor ações e exercer sua cidadania. É uma forma legítima de participação. É o fórum social deliberativo mais abrangente e representativo do modelo de organização e representação da população local.

Hoje, todas as Unidades de Conservação da região utilizam esse mecanismo de deliberação para discutir os seus problemas. As Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã são exemplos disso, pois, anualmente realizam esses encontros nos meses de março e abril, respectivamente. O objetivo, dessas assembleias, é reunir os representantes locais para, juntos, deliberarem questões relacionadas ao manejo, a gestão de recursos e territórios das reservas, proporem soluções aos problemas, votarem e aprovarem essas questões. As assembleias reúnem representantes de todos os setores geopolíticos das reservas, entre líderes comunitários (homens e mulheres), representantes das instituições locais e nacionais que atuam na área, e representantes dos municípios em cujos territórios estão situadas as reservas.

A prática de se reunir em assembleia anualmente, já era bem conhecida por grande parte da população local. Iniciou-se nos anos 1970, incentivada pela Igreja católica, com o conceito de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Nesse modelo de organização, as famílias que moravam em um mesmo território se entendiam como Comunidades, e por Setor, entendia-se o agrupamento das comunidades de uma mesma área geográfica. As assembleias representavam um espaço de gestão participativa, por englobar e envolver os representantes de todas as comunidades e setores da área.

Oscarina Martins dos Santos
Técnica do Programa de Gestão Comunitária

© Rafael Forte



No detalhe, o pesquisador Felipe Ennes durante atividade de campo.

Pesquisa sobre conservação de primatas é apresentada em evento científico na Inglaterra

Desde 1914, quando o Marechal Cândido Rondon e o ex-presidente americano Theodore Roosevelt realizaram a expedição científica Roosevelt-Rondon, a primeira a explorar o “Rio da Dúvida” (atual Rio Roosevelt), pouco se estudou sobre uma das espécies cujas amostras foram coletadas na ocasião: o Mico Marcai. A partir de 2012, o Grupo de Pesquisa em Ecologia de Vertebrados Terrestres do Instituto Mamirauá, vem realizando expedições à região de ocorrência dessa espécie. O projeto que estuda o Mico Marcai foi apresentado pelo biólogo Felipe Ennes, responsável pela pesquisa, durante a *Student Conference on Conservation Science*, na Inglaterra, de 19 a 21 de março.

Segundo Felipe, o objetivo da pesquisa é determinar a diversidade de primatas na bacia do rio Aripuanã, que fica entre o sul do estado do Amazonas e o Mato Grosso, e de identificar as principais ameaças e desafios potenciais para a conservação das espécies na região. “A distribuição desta espécie é conhecida apenas pela localidade onde a Expedição Rondon-Roosevelt coletou três indivíduos”, afirmou Felipe. Em janeiro de 2013, um indivíduo de Mico Marcai foi coletado pelo pesquisador, e aspectos da taxonomia da espécie vem sendo estudada no laboratório do Instituto Mamirauá.

Em 1993, a espécie foi descrita pelo pesquisador brasileiro Ronaldo Alperin, com base nas amostras que Roosevelt e Rondon haviam coletado e estavam, desde então, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. “Em campo, a primeira coisa a se fazer foi verificar a presença do Mico Marcai na região de confluência dos rios Roosevelt e Aripuanã. A partir daí, estamos realizando os levantamentos em trilhas para que se tenha uma ideia do limite de abrangência da espécie na área”, concluiu Felipe.

Para o pesquisador, as principais ameaças à conservação das espécies identificadas foram à perda de habitat, devido à extração de madeira, a expansão da pecuária, a caça e captura de primatas para alimentação, ou para uso como animais de estimação. A implementação de novas usinas hidroelétricas nas bacias dos rios Aripuanã e Roosevelt representam, também, ameaças potenciais para biodiversidade desta região. (Texto: Eunice Venturi).

Encontro reúne manejadores florestais em Uarini



© Rafael Forte

Em 2013, manejadores florestais realizaram exploração na Reserva Mamirauá.

Moradores e usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável estiveram, entre os dias 7 e 9 de março, em Uarini (AM), para o XII Encontro de Manejadores Florestais da Reserva Mamirauá. O encontro foi promovido pela Associação de Moradores e Usuários da Reserva Mamirauá (Amurmam), com apoio do Instituto Mamirauá, por meio de seu Programa de Manejo Florestal Comunitário. Segundo Elenice Assis, coordenadora do programa, o objetivo do evento, desde que foi criado, é fortalecer um fórum de discussão anual para os manejadores discutirem temas e assuntos relacionados ao manejo, fazendo um intercâmbio entre si, apontando dificuldades e melhorias ao processo.

Um dos principais assuntos discutido foi à proposta de encaminhamento de um Acordo de Extração de Madeira Manejada, entre os manejadores moradores da Reserva Mamirauá e os manejadores urbanos, que moram no entorno da reserva. “Essa discussão pode nos levar a consolidar uma proposta de política pública para extração de madeira manejada entre moradores e usuários da reserva”, afirmou Elenice.

Durante o encontro, também foi discutido o potencial madeireiro da Reserva Mamirauá, que pode ser pouco mais de 31 mil m³ de madeiras extraídas anualmente, gerando um recurso de aproximadamente 3 milhões de reais para os manejadores. “Esse potencial não tem sido explorado pelos

manejadores, porque o nível da água, das últimas cheias, não tem sido muito favorável para a retirada das madeiras em tora, pois nós não sabemos ao certo se é por causa das mudanças climáticas. Então, os manejadores estão sendo bem cautelosos”, explicou Elenice.

Alcione Meireles, presidente da Associação de Moradores e Usuários da Reserva Mamirauá (Amurmam), assegurou que as conversas, decorrentes do encontro, vão trazer mais “frutos” para o manejo florestal, pois os manejadores têm conhecimentos suficientes para avaliar a atividade e propor melhorias. (Texto: Eunice Venturi, colaboração: Marco Lopes).

Expediente – O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Distribuição gratuita. Conselho Editorial: Ana Cláudia Torres, Angela May Steward, Armando Athos, Dávila Corrêa, Elenice Assis, Emiliano Ramalho, Eunice Venturi, Francisco M. de Freitas Jr., Fernanda Sá, Francione Porto, Francisco Rocha, Helder Queiroz, Isabel Sousa, João Valsecchi, Joycimara Sousa, Josivaldo Modesto, Maurilandi Gualberto, Marluce Mendonça, Nelissa Peralta, Nizete Campelo, Paulo Roberto e Souza e Selma Freitas. Jornalista responsável e edição: Eunice Venturi (SC01964-JP). Diagramação: Lucas Monteiro. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.300 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584. Cx. Postal: 38 - Bairro: Fonte Boa - CEP: 69470-000. Tefé (AM) / Tel.+55 (97) 3343-9780 – ascom@mamiraua.org.br – www.mamiraua.org.br

4

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

